

HÁBITOS DE LEITURA ENTRE JOVENS NA ERA DIGITAL: ENTRE LIVROS IMPRESSOS, E-BOOKS E REDES SOCIAIS

*READING HABITS AMONG YOUNG PEOPLE IN THE DIGITAL AGE: BETWEEN PRINTED BOOKS,
E-BOOKS, AND SOCIAL MEDIA*

Magda Faria Cabral

MUST University, Estados Unidos

Alan Brito da Silva

Faculdade Alcance, Brasil

Simone Souza Campos Leandro

Universidade La Salle, Brasil

Gabriele Pimenta Oliveira

MUST University, Estados Unidos

Eliane Elias Gomes de Souza

Faculdade do Itajaí Mirim, Brasil

ISSN: 1518-0263

DOI: <https://doi.org/10.46550/z6nwdj31>

Aceito em: 20.07.2026

Resumo: Em meio à expansão das telas e à permanência do livro impresso como suporte de formação cultural, este artigo teve como objetivo geral analisar as práticas de leitura juvenil entre suportes impressos e digitais, observando as novas formas de acesso ao texto e as mudanças provocadas pelas redes sociais. O tema foi delimitado pela relação entre juventude, livro impresso, telas, plataformas digitais e mediações escolares, considerando que a leitura passou a ocorrer em materialidades e ambientes variados. A pesquisa foi bibliográfica, de abordagem qualitativa e finalidade exploratória, pois se baseou na seleção, leitura e comparação de estudos acadêmicos que trataram da formação leitora, das tecnologias de acesso ao texto e das práticas culturais juvenis. A análise permitiu concluir que a leitura entre jovens não desapareceu diante das tecnologias, mas foi reorganizada conforme suportes, finalidades e formas de interação. Verificou-se que o impresso permaneceu associado à leitura literária e à permanência no texto, enquanto os meios digitais favoreceram o acesso rápido, a circulação de informações e a participação em comunidades leitoras. Constatou-se, ainda, que as redes sociais puderam tanto estimular leituras informativas e participativas quanto favorecer práticas fragmentadas, quando utilizadas sem mediação crítica. Desse modo, o estudo indicou que a formação leitora dependeu da articulação entre escola, tecnologias, repertório cultural e orientação pedagógica.

Palavras-chave: Suportes Textuais; Formação Leitora; Livro Impresso; Mediação Escolar; Práticas Culturais.

Abstract: Amid the expansion of screens and the permanence of the printed book as a support for cultural formation, this article aimed to analyze youth reading practices between printed and digital supports, observing new forms of access to texts and the changes caused by social networks. The theme was delimited by the relationship among youth, printed books, screens, digital platforms, and school mediation, considering that reading began to occur in varied materialities and environments. The research was bibliographic, with a qualitative approach and an exploratory purpose, as it was based on the selection, reading, and comparison of academic studies that addressed reader formation, technologies for accessing texts, and youth cultural practices. The analysis made it possible to conclude that reading among young people did not disappear in the face of technologies, but was reorganized according to supports, purposes, and forms of interaction. It was found that print remained associated with literary reading and textual continuity, while digital media favored rapid access, the circulation of information, and participation in reading communities. It was also observed that social networks could both stimulate informative and participatory reading and favor fragmented practices when used without critical mediation. Thus, the study indicated that reader formation depended on the articulation among school, technologies, cultural repertoire, and pedagogical guidance.

Keywords: Textual Supports; Reader Formation; Printed Book; School Mediation; Cultural Practices.

Introdução

Nas últimas décadas, as práticas de leitura juvenil passaram por alterações relacionadas à ampliação do acesso às tecnologias digitais, às telas móveis e às redes sociais. A leitura, antes associada de modo predominante ao livro impresso e ao espaço escolar, passou a circular em ambientes digitais, aplicativos, plataformas de interação e suportes eletrônicos. Nesse contexto, o presente artigo delimitou-se ao estudo das práticas de leitura de jovens entre suportes impressos e digitais, considerando os efeitos dos *e-books*, das telas e das redes sociais sobre os hábitos leitores.

A escolha do tema justificou-se pela necessidade de compreender como a leitura juvenil se reorganizou em uma sociedade marcada pela circulação acelerada de informações e pela presença cotidiana de dispositivos digitais. A motivação da pesquisa esteve vinculada à constatação de que os jovens continuaram em contato com textos, mas passaram a acessá-los por meios variados, com finalidades escolares, literárias, informativas e recreativas. Assim, tornou-se necessário investigar se essas mudanças indicaram afastamento da leitura ou transformação de suas formas de realização.

Diante desse cenário, a questão norteadora foi formulada nos seguintes termos: ‘Como os suportes impressos, os meios digitais e as redes sociais modificaram as práticas de leitura juvenil?’. A partir dessa pergunta, buscou-se analisar a leitura para além da oposição entre livro e tela, considerando os modos pelos quais os jovens acessaram textos,

interagiram com conteúdos e atribuíram sentidos às experiências leitoras em diferentes ambientes. As palavras-chave adotadas foram ‘leitura juvenil’, ‘leitura digital’, ‘e-books’, ‘redes sociais e leitura’, ‘hábitos de leitura’ e ‘mídias digitais’.

O objetivo geral do artigo consistiu em analisar as práticas de leitura juvenil entre livros impressos e telas digitais, observando as novas formas de acesso ao texto e as mudanças provocadas pelas redes sociais. Como objetivos específicos, pretendeu-se discutir a permanência do livro impresso nas experiências leitoras; examinar o papel dos *e-books*, das telas e dos dispositivos móveis no acesso à leitura; e compreender de que modo as redes sociais interferiram na leitura informativa, literária e participativa dos jovens.

A metodologia utilizada foi bibliográfica, de abordagem qualitativa e finalidade exploratória. Foram selecionadas produções acadêmicas que discutiram leitura juvenil, escola, tecnologias digitais, *e-books*, redes sociais e hábitos de leitura. O procedimento de análise ocorreu por meio da leitura comparativa dos materiais, com identificação dos argumentos centrais, das aproximações e dos contrapontos entre os autores. A pesquisa apoiou-se, sobretudo, nas contribuições de Nunes e Melo (2024), Marchezan (2016), Amin, Teixeira e Castro (2019) e Menezes (2024).

Esses referenciais permitiram compreender que a leitura juvenil não se restringiu ao suporte impresso nem pôde ser explicada apenas pelo avanço das tecnologias digitais. Nunes e Melo (2024) auxiliaram na análise da literatura em diferentes suportes; Marchezan (2016) contribuiu com dados sobre hábitos de leitura de estudantes universitários; Amin, Teixeira e Castro (2019) subsidiaram a discussão sobre leitura escolar em tempos de *e-book*; e Menezes (2024) possibilitou examinar os efeitos das mídias digitais no desenvolvimento cognitivo e nos hábitos leitores.

O artigo foi organizado em três capítulos principais, além da metodologia, dos resultados e discussões e da conclusão. O tópico ‘1 Práticas de leitura juvenil entre suportes impressos e digitais’ discutiu a coexistência entre livro impresso, telas e textos digitais; o tópico ‘2 *E-books*, telas e novas formas de acesso à leitura’ abordou as mudanças nos modos de acesso aos textos; e o tópico ‘3 Redes sociais e mudanças nos hábitos de leitura dos jovens’ analisou as plataformas digitais como espaços de circulação, comentário e produção de práticas leitoras. Com essa organização, buscou-se demonstrar que a formação leitora juvenil depende da articulação entre suportes, mediações e finalidades de leitura, e não da escolha isolada entre impresso ou digital.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, de natureza qualitativa e finalidade exploratória, pois foi desenvolvida a partir da seleção, leitura e análise de produções acadêmicas relacionadas às práticas de leitura juvenil, aos formatos impressos e digitais,

aos *e-books*, às telas e às redes sociais. Conforme Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em materiais já publicados, especialmente livros, artigos científicos, dissertações e trabalhos acadêmicos, permitindo ao pesquisador examinar diferentes contribuições teóricas sobre determinado problema.

A opção por esse tipo de pesquisa permitiu atingir os objetivos do artigo, uma vez que possibilitou reunir estudos que discutem a leitura juvenil em contextos escolares, universitários e digitais. Desse modo, os materiais analisados contribuíram para compreender como os jovens acessam textos literários e informativos, como utilizam suportes impressos e digitais e de que forma as redes sociais modificam hábitos de leitura. A metodologia adotada também favoreceu o diálogo entre autores com posições complementares e críticas.

O processo metodológico foi organizado em etapas sucessivas. A primeira consistiu na definição do tema e dos eixos de análise: práticas de leitura juvenil entre livros impressos e telas digitais; *e-books*, telas e novas formas de acesso à leitura; e redes sociais e mudanças nos hábitos de leitura dos jovens. Em seguida, realizou-se a seleção dos referenciais teóricos, considerando sua relação direta com os objetivos da pesquisa e sua contribuição para a discussão sobre leitura, escola, juventude e tecnologias.

Na etapa seguinte, procedeu-se à leitura analítica dos materiais selecionados, com identificação das ideias centrais, dos conceitos mobilizados e dos pontos de aproximação ou contraponto entre os autores. Esse procedimento permitiu organizar o artigo em uma sequência argumentativa coerente, articulando dados empíricos, revisão teórica e discussão crítica. A análise priorizou a relação entre suportes de leitura, práticas escolares, experiências juvenis e mediações tecnológicas.

As orientações metodológicas de Santana, Narciso e Santana (2025) também foram consideradas na construção do artigo, especialmente por ressaltarem que a pesquisa acadêmica contemporânea deve incorporar recursos tecnológicos sem abandonar o rigor do método científico. No presente estudo, essa perspectiva foi aplicada por meio do uso de bases digitais para localização dos materiais, leitura comparativa dos textos e organização criteriosa dos dados bibliográficos, mantendo coerência entre problema, objetivos, fundamentação e análise.

Para a busca dos materiais, foram utilizadas combinações simples de palavras-chave relacionadas ao tema, tais como 'leitura juvenil', 'leitura digital', 'e-books', 'redes sociais e leitura', 'hábitos de leitura', 'leitura na escola' e 'mídias digitais'. Essas expressões foram escolhidas por apresentarem correspondência direta com os objetivos do artigo, evitando termos excessivamente amplos ou pouco precisos. O uso combinado dessas palavras auxiliou na localização de estudos voltados à leitura em suportes impressos e digitais.

A base escolhida para a busca foi a SciELO, biblioteca eletrônica que reúne periódicos científicos de acesso aberto, com produção acadêmica de diferentes áreas do conhecimento. Sua função, nesta pesquisa, foi permitir a localização de artigos avaliados por critérios editoriais e vinculados à comunicação científica. A plataforma contribuiu para identificar textos pertinentes ao tema e comparar estudos produzidos em áreas relacionadas à Educação, Comunicação, Biblioteconomia e tecnologias aplicadas à leitura.

Os critérios de inclusão consideraram materiais publicados entre 2016 e 2024, com relação direta com leitura juvenil, suportes digitais, escola, *e-books*, redes sociais ou hábitos de leitura. Também foram incluídos trabalhos com dados empíricos ou discussão teórica consistente sobre o tema. Foram excluídos textos sem autoria identificada, materiais sem vínculo acadêmico, publicações sem pertinência com os objetivos do artigo e estudos que tratavam de tecnologia educacional sem relação específica com práticas leitoras.

Assim, a metodologia bibliográfica adotada permitiu construir uma análise fundamentada sobre as transformações das práticas de leitura juvenil. O percurso metodológico possibilitou selecionar, comparar e interpretar referenciais que tratam do impresso, do digital e das redes sociais sem reduzir o debate a uma oposição entre livro e tela. Com isso, o artigo foi estruturado para discutir a leitura como prática social, cultural e escolar atravessada por mudanças tecnológicas e por diferentes formas de mediação.

Práticas de leitura juvenil entre suportes impressos e digitais

As práticas de leitura juvenil entre suportes impressos e digitais exigem compreender a leitura como prática cultural situada, e não como atividade restrita ao livro impresso. Nunes e Melo (2024) indicam que os jovens acessam textos literários por diferentes meios, o que desloca a discussão da ausência de leitura para a identificação dos modos pelos quais ela ocorre. Essa perspectiva permite examinar a circulação da linguagem poética e narrativa em ambientes impressos e digitais, sem reduzir a formação leitora a um único suporte.

Os hábitos de leitura dos jovens na era digital são marcados pela convivência entre livros impressos, *e-books*, redes sociais, textos curtos e conteúdos multimodais. Costa e Santana (2025) ajudam a compreender esse cenário ao ressaltarem que as tecnologias podem enriquecer a aprendizagem, mas também exigem equilíbrio para evitar distrações e promover um ambiente produtivo.

Em diálogo com Santana et al. (2026), percebe-se que a mediação docente é indispensável para que essas práticas leitoras não sejam conduzidas apenas pela lógica das plataformas e dos algoritmos. Assim, livros impressos, *e-books* e redes sociais podem coexistir na formação leitora, desde que o professor oriente usos, proponha leituras significativas e desenvolva critérios de análise. A tecnologia amplia caminhos de acesso,

mas a leitura crítica exige acompanhamento, intenção pedagógica e responsabilidade formativa.

Nesse sentido, Amin, Teixeira e Castro (2019) aproximam-se de Nunes e Melo (2024) ao defenderem que a escola contemporânea participa da promoção da leitura em bases alfabéticas, digitais e imagéticas. A leitura juvenil, portanto, não se organiza apenas pela oposição entre papel e tela, mas pela convivência de práticas associadas ao livro, ao computador, ao celular e a outros dispositivos. Essa leitura ampliada exige que a escola reconheça os artefatos culturais já presentes no cotidiano dos estudantes. Contudo, há uma tensão entre o reconhecimento dessas práticas e sua incorporação pedagógica. Nunes e Melo (2024, p. 3) afirmam:

Onde e como os jovens entre 11 e 17 anos estão acessando literatura, isto é, linguagem poética e linguagem narrativa? A resposta para esse questionamento entendemos que pode ser caminho para um currículo literário adequado aos leitores e ao tempo em que vivem. (Nunes; Melo, 2024, p. 3)

Essa formulação evidencia que o problema não se restringe ao volume de leitura, mas à capacidade institucional de observar onde ela acontece. Além disso, Marchezan (2016) contribui para essa discussão ao investigar estudantes de Jornalismo e seus hábitos de leitura em diferentes plataformas. Embora o grupo estudado seja universitário, a pesquisa mostra que as escolhas leitoras são atravessadas por motivações acadêmicas, recreativas e profissionais. A autora identifica predominância da leitura recreativa entre os estudantes, sobretudo por meio de romances, mas também registra a presença de leituras exigidas pela formação universitária.

Por outro lado, Menezes (2024) apresenta um contraponto relevante ao indicar que o crescimento do consumo digital pode reduzir o tempo dedicado à leitura de textos longos. Para o autor, interações digitais rápidas e fragmentadas tendem a competir com práticas de leitura que exigem concentração, memória e pensamento crítico. Assim, enquanto Nunes e Melo (2024) enfatizam a necessidade de reconhecer novos modos de acesso, Menezes (2024) alerta para perdas cognitivas associadas ao uso pouco orientado das mídias digitais.

Entretanto, Amin, Teixeira e Castro (2019) evitam tratar a leitura digital como experiência inferior. Para esses autores, a leitura por meio eletrônico também produz experiências complexas e constitutivas do sujeito. Desse modo, o suporte não determina, isoladamente, a qualidade da prática leitora; esta depende das condições de mediação, dos objetivos de leitura, da relação do estudante com o texto e das possibilidades de interação oferecidas pelo ambiente escolar.

Nessa direção, Marchezan (2016) demonstra que a escolha do suporte varia conforme o tipo de leitura. Em sua pesquisa, os estudantes tendem a manter o papel como referência para livros, enquanto recorrem mais ao meio digital para periódicos e informações. Esse dado aproxima-se das conclusões de Amin, Teixeira e Castro (2019),

segundo as quais jovens podem associar o impresso à leitura ficcional e o digital à leitura informativa, sem que uma prática elimine a outra.

Todavia, a coexistência entre suportes não significa ausência de disputas. Menezes (2024) sustenta que a leitura deleite, vinculada a textos mais extensos, mantém função relevante no desenvolvimento da linguagem, da atenção e do pensamento crítico. Em contraposição, Nunes e Melo (2024) defendem que os jovens utilizam suportes diversos conforme suas necessidades, sem necessariamente rivalizá-los. O debate, portanto, não se resolve pela substituição do impresso pelo digital, mas pela análise das condições de uso de cada suporte.

Assim, as práticas de leitura juvenil devem ser compreendidas como experiências em trânsito entre materialidades, finalidades e mediações. A escola, nesse processo, precisa investigar o que os jovens leem, em quais suportes leem e que sentidos atribuem a essas escolhas. A formação leitora torna-se mais consistente quando articula livro impresso, texto digital e práticas culturais juvenis, sem negar os riscos da fragmentação nem desconsiderar as possibilidades educativas das tecnologias.

E-books, telas e novas formas de acesso à leitura

A leitura mediada por *e-books*, telas e dispositivos móveis altera as condições de acesso aos textos, sem eliminar a permanência do livro impresso. Nunes e Melo (2024) compreendem que a literatura circula em materialidades distintas, o que exige uma concepção de leitura menos restrita ao objeto físico. Assim, o debate não deve ser reduzido à substituição do papel pela tela, mas à análise das formas de interação textual que cada suporte produz.

Nesse contexto, Amin, Teixeira e Castro (2019) ampliam a discussão ao situarem a leitura digital no cotidiano escolar e social dos estudantes. Para esses autores, os suportes eletrônicos passam a integrar práticas de estudo, trabalho, entretenimento e comunicação. Essa posição dialoga com Nunes e Melo (2024), pois ambas as pesquisas recusam a hierarquização automática entre impresso e digital, embora reconheçam que cada suporte implica modos específicos de leitura.

Contudo, a ampliação do acesso não ocorre de maneira igualitária. Amin, Teixeira e Castro (2019) assinalam que a disponibilidade, a posse e o uso das tecnologias variam conforme a classe social. Desse modo, a leitura em telas não pode ser interpretada como experiência comum a todos os jovens, pois depende de condições materiais de acesso. A presença de *smartphones*, *tablets* e computadores não garante, por si, práticas leitoras qualificadas. De acordo com Amin, Teixeira e Castro (2019),

O debate sobre os novos suportes de leitura exige que se estabeleçam algumas distinções entre leitores de livro digital (*e-readers*), aplicativos de leitura e os livros digitais propriamente ditos (*e-books*) (Amin; Teixeira; Castro, 2019, p. 8).

Essa distinção é relevante porque impede tratar toda leitura digital como prática homogênea. O acesso a um arquivo em PDF, a um livro em *e-reader* ou a um aplicativo interativo envolve operações diferentes. Nessa direção, Amin, Teixeira e Castro (2019) indicam que o hipertexto e os textos digitais solicitam novas condutas de leitura, marcadas por percursos, escolhas e formas de navegação que diferem da linearidade predominante no impresso.

Por sua vez, Marchezan (2016) apresenta um contraponto empírico ao demonstrar que a adesão aos *e-books* ainda é limitada entre estudantes de Jornalismo. Embora alguns respondentes utilizem leitores digitais, a maioria mantém preferência pelo papel quando se trata de livros. A autora também mostra que o computador se torna plataforma recorrente para jornais, enquanto revistas e livros permanecem associados ao suporte impresso, revelando escolhas condicionadas pelo tipo de texto.

Além disso, Nunes e Melo (2024) observam que o celular ganha relevância como suporte de leitura, especialmente por reunir múltiplas funções em um único dispositivo. Essa constatação aproxima-se da análise de Amin, Teixeira e Castro (2019), para quem o texto eletrônico já integra práticas cotidianas. No entanto, Nunes e Melo (2024) ponderam que a leitura em dispositivos eletrônicos pode favorecer percursos hipertextuais e não lineares, o que exige mediação crítica.

Em contraposição à valorização das novas formas de acesso, Menezes (2024) adverte que a leitura digital pode favorecer interações mais superficiais com o conteúdo. Para o autor, textos longos e leitura deleite mantêm papel relevante na formação da atenção, da memória e do pensamento crítico. Essa leitura não elimina o valor dos *e-books* e aplicativos, mas indica que o uso pedagógico das telas deve ser orientado por finalidades educativas explícitas.

Todavia, Menezes (2024) também reconhece que *e-books* e aplicativos podem aproximar crianças dos livros, sobretudo quando há afinidade com ambientes digitais. Essa posição estabelece um ponto de contato com Nunes e Melo (2024), pois ambas as abordagens admitem que o digital pode ampliar o acesso à leitura. A diferença está no grau de cautela: enquanto Nunes e Melo enfatizam a pluralidade dos suportes, Menezes destaca riscos cognitivos da leitura fragmentada.

Portanto, *e-books*, telas e dispositivos móveis devem ser compreendidos como meios que reconfiguram o acesso à leitura, sem tornar obsoleto o livro impresso. A contribuição dos autores analisados indica que a formação leitora exige equilíbrio entre materialidades, objetivos e mediações. A escola, nesse processo, precisa articular o uso das tecnologias à leitura reflexiva, evitando tanto a rejeição das telas quanto sua adoção acrítica como solução pedagógica.

Redes sociais e mudanças nos hábitos de leitura dos jovens

As redes sociais passaram a ocupar posição relevante nas práticas de leitura juvenil, sobretudo por articularem informação, entretenimento, interação e produção de conteúdo. Nunes e Melo (2024) compreendem que o deslocamento do livro para ambientes digitais não elimina a leitura, mas modifica seus modos de circulação. Nesse contexto, jovens leitores não apenas acessam textos, mas também comentam, avaliam, compartilham e produzem materiais derivados de suas experiências leitoras.

Além disso, Amin, Teixeira e Castro (2019) indicam que a leitura em hipertexto e em textos eletrônicos já integra o cotidiano social, sendo realizada com objetivos distintos. Essa perspectiva aproxima-se da análise de Nunes e Melo (2024), pois ambas reconhecem que a leitura não permanece limitada ao suporte impresso. Nas redes sociais, a leitura passa a ocorrer em percursos móveis, com entradas, interrupções e retomadas orientadas pelos interesses do usuário.

No entanto, Marchezan (2016) contribui com dados que especificam essa presença das redes na rotina de jovens universitários. Em sua pesquisa com estudantes de Jornalismo, a autora observa o uso expressivo de Facebook, WhatsApp e Instagram, além da leitura de notícias por meio dessas plataformas. De acordo com Marchezan (2016):

A maior parte dos respondentes considera que as redes sociais representam um impulso para a leitura de notícias. Apenas 5,77% da amostra consideram as mídias sociais uma distração em relação ao noticiário (Marchezan, 2016, p. 73).

Esse dado permite relativizar a compreensão das redes sociais como espaços exclusivamente dispersivos. Para Marchezan (2016), tais plataformas também funcionam como porta de entrada para o consumo de notícias, ainda que esse acesso ocorra em telas menores, durante deslocamentos ou intervalos. Desse modo, a leitura informativa passa a ser incorporada à rotina fragmentada dos jovens, alterando a temporalidade e a concentração associadas às práticas tradicionais.

Por outro lado, Menezes (2024) apresenta contraponto ao advertir que o consumo passivo de vídeos e redes sociais pode substituir atividades cognitivamente mais exigentes, como leitura e estudo. O autor argumenta que plataformas digitais oferecem conteúdos rápidos e visualmente atraentes, mas tendem a reduzir a permanência do leitor em textos longos. Assim, a facilidade de acesso à informação não assegura leitura analítica nem desenvolvimento de compreensão textual.

Ainda assim, Nunes e Melo (2024) mostram que as redes sociais também abrigam práticas de participação leitora, como produção de *fanfics*, resenhas e vídeos semelhantes aos de *booktubers*. Nessa perspectiva, o jovem não se limita à condição de consumidor de conteúdos. Ele atua como produtor de interpretações, recomendações e narrativas, o que aproxima leitura e escrita em comunidades digitais formadas em torno de livros, séries, filmes e personagens.

De modo complementar, Amin, Teixeira e Castro (2019) assinalam que a navegação em páginas digitais permite ao leitor seguir *links*, criar percursos e acionar novos caminhos de leitura. Essa lógica aproxima-se das práticas observadas nas redes sociais, nas quais comentários, publicações e indicações deslocam o leitor entre textos e mídias. Entretanto, tal mobilidade exige orientação pedagógica, pois a multiplicidade de estímulos pode tanto ampliar repertórios quanto dispersar a atenção.

Em contrapartida, Menezes (2024) ressalta impactos sociais e emocionais do uso intenso das redes, como dependência, comparação social e enfraquecimento das interações presenciais. Essa crítica não invalida as possibilidades educativas das plataformas, mas evidencia a necessidade de mediação. A leitura juvenil nas redes deve ser analisada considerando seus efeitos sobre sociabilidade, autoestima, concentração e relação dos estudantes com textos de maior extensão.

Em síntese, as redes sociais modificam os hábitos de leitura dos jovens ao combinar acesso rápido, circulação coletiva, produção autoral e fragmentação da atenção. O diálogo entre os autores indica que essas plataformas não devem ser tratadas como simples ameaça nem como solução educativa. Cabe à escola reconhecer tais práticas, selecionar usos formativos e promover experiências que articulem leitura digital, reflexão crítica e contato continuado com textos literários e informativos.

Resultados e discussões

A análise dos referenciais examinados indica que as práticas de leitura juvenil não podem ser compreendidas pela oposição simples entre impresso e digital. Os estudos de Nunes e Melo (2024), Marchezan (2016), Amin, Teixeira e Castro (2019) e Menezes (2024) mostram que jovens leem em suportes distintos, com finalidades variadas e em contextos marcados por mediações escolares, familiares, tecnológicas e culturais. Assim, o resultado central desta discussão aponta para a coexistência entre livro impresso, telas, redes sociais, *e-books* e textos hipertextuais.

Além disso, os dados interpretados permitem afirmar que a leitura juvenil ocorre em deslocamento contínuo entre práticas recreativas, informativas e escolares. Nunes e Melo (2024) defendem que os jovens acessam literatura por diferentes caminhos, enquanto Marchezan (2016) demonstra que estudantes de Jornalismo conciliam leituras espontâneas e leituras exigidas pela universidade. Desse modo, a leitura não desaparece diante das tecnologias digitais, mas passa a ser reorganizada conforme suporte, tempo disponível, interesse e finalidade.

Nesse sentido, o significado dessas descobertas está na necessidade de rever concepções escolares restritas ao livro impresso como único indicador de formação leitora. Amin, Teixeira e Castro (2019) mostram que a escola contemporânea convive com práticas de leitura mediadas por textos impressos, digitais e imagéticos. Essa constatação

desloca o debate da pergunta sobre se os jovens leem para a investigação sobre o que leem, onde leem, como leem e que sentidos atribuem às leituras realizadas em cada suporte.

Entretanto, os resultados também evidenciam que a presença das tecnologias não assegura, por si, leitura qualificada. Menezes (2024) adverte que o consumo digital pode favorecer formas fragmentadas de acesso ao conteúdo, com efeitos sobre atenção, memória e compreensão textual. Essa posição tensiona as conclusões de Nunes e Melo (2024) e de Amin, Teixeira e Castro (2019), pois, embora esses autores reconheçam as possibilidades dos suportes digitais, Menezes (2024) chama atenção para os riscos do uso pouco orientado das telas.

Por outro lado, há aproximação entre os autores quando se observa que nenhum deles sustenta a eliminação do impresso pelo digital. Marchezan (2016) identifica preferência pelo papel em determinadas leituras, especialmente livros, ao mesmo tempo que registra o uso do computador e das redes sociais para acesso a notícias. Amin, Teixeira e Castro (2019) também apontam que estudantes podem associar o impresso à leitura ficcional e o digital à leitura informativa. Portanto, os suportes assumem funções distintas no cotidiano leitor.

Todavia, as descobertas apresentam limitações que precisam ser consideradas. Marchezan (2016) trabalha com estudantes universitários de Jornalismo, grupo que não representa a totalidade dos jovens em idade escolar. Amin, Teixeira e Castro (2019) analisam uma turma específica de escola pública federal em Belém, o que limita generalizações para outros contextos sociais. Menezes (2024), por sua vez, desenvolve revisão bibliográfica, sem coleta empírica original. Assim, os resultados devem ser interpretados como indícios analíticos, não como conclusão universal.

Outro ponto que exige cautela refere-se à diversidade de faixas etárias e objetivos entre os estudos. Nunes e Melo (2024) tratam da formação de leitores jovens entre 11 e 17 anos; Amin, Teixeira e Castro (2019) observam estudantes do ensino fundamental; Marchezan (2016) investiga universitários; Menezes (2024) discute crianças e adolescentes por revisão de literatura. Essa diferença metodológica explica possíveis resultados inconclusivos, pois os hábitos de leitura variam conforme idade, escolarização, repertório cultural, acesso tecnológico e exigências institucionais.

Resultados aparentemente contraditórios, como a valorização das redes sociais como estímulo à leitura e, ao mesmo tempo, sua associação à dispersão, podem ser explicados pela função assumida por cada plataforma. Em Marchezan (2016), as redes aparecem como via de acesso ao noticiário; em Menezes (2024), são discutidas como espaços de consumo rápido e passivo. Essa diferença sugere que o efeito das redes sociais depende menos da plataforma em si e mais das práticas de uso, da mediação e do tipo de conteúdo acessado.

Diante disso, pesquisas futuras podem comparar estudantes de diferentes regiões, redes de ensino e faixas etárias, articulando métodos quantitativos e qualitativos. Também se mostra pertinente investigar como professores incorporam *e-books*, redes sociais, aplicativos de leitura e livros impressos em práticas pedagógicas. Além disso, estudos longitudinais poderiam verificar se a leitura em telas altera, ao longo do tempo, a compreensão textual, a atenção e a permanência em textos extensos, permitindo avaliar com maior precisão os efeitos formativos das práticas digitais.

Conclusão

O estudo desenvolvido permitiu responder às questões formuladas na introdução e na metodologia ao demonstrar que as práticas de leitura juvenil não desapareceram com a expansão das tecnologias digitais. O que se verifica é uma reorganização dos modos de ler, marcada pela convivência entre formatos impressos, telas, *e-books*, redes sociais e textos hipertextuais.

O primeiro objetivo, voltado à compreensão das práticas de leitura juvenil entre suportes impressos e digitais, foi alcançado ao evidenciar que os jovens transitam entre diferentes materialidades textuais. O livro impresso permanece associado à leitura literária e à experiência de maior permanência no texto, enquanto os meios digitais favorecem acesso rápido, circulação de informações e participação em ambientes interativos.

O segundo objetivo, relacionado aos *e-books*, às telas e às novas formas de acesso à leitura, também foi contemplado. A análise mostrou que os dispositivos digitais ampliam as possibilidades de contato com textos, sobretudo quando há mediação pedagógica. Contudo, a presença desses recursos não garante, isoladamente, práticas leitoras qualificadas, pois o acesso depende de condições sociais, econômicas e educacionais.

O terceiro objetivo, referente às redes sociais e às mudanças nos hábitos de leitura dos jovens, foi respondido ao indicar que tais plataformas funcionam tanto como espaços de estímulo à leitura quanto como ambientes de dispersão. As redes favorecem comentários, recomendações, resenhas, produção de *fanfics* e circulação de notícias, mas também podem reduzir a permanência em textos extensos quando utilizadas de modo fragmentado e sem orientação crítica.

Desse modo, a principal conclusão do artigo é que a formação leitora juvenil precisa ser compreendida a partir da articulação entre suportes, finalidades e mediações. A oposição entre impresso e digital não explica a complexidade das práticas observadas. O problema central não está na tela ou no livro, mas nas condições de uso, no tipo de texto acessado, na qualidade da mediação escolar e na relação construída pelo jovem com a leitura.

A investigação também permitiu reconhecer que a escola ocupa papel decisivo nesse processo. Cabe ao espaço escolar identificar as práticas leitoras já presentes no cotidiano dos estudantes e transformá-las em objeto de reflexão pedagógica. Para isso, torna-se necessário integrar literatura impressa, leitura digital, textos informativos e produções juvenis em propostas que favoreçam compreensão, interpretação e pensamento crítico.

Como lacuna, observa-se a necessidade de estudos empíricos com maior diversidade regional, social e etária. Pesquisas futuras podem comparar escolas públicas e privadas, contextos urbanos e rurais, além de diferentes etapas da educação básica. Também se recomenda investigar como professores selecionam, orientam e avaliam práticas de leitura mediadas por tecnologias digitais.

Por fim, estudos longitudinais podem contribuir para verificar os efeitos da leitura em telas sobre atenção, memória, compreensão textual e permanência em textos longos. Também se mostra pertinente analisar o uso pedagógico de redes sociais, *e-books* e aplicativos de leitura, a fim de identificar estratégias capazes de articular o interesse juvenil pelas tecnologias com a formação de leitores críticos e autônomos.

Referências

- AMIN, V. do S. F.; TEIXEIRA, L. R.; CASTRO, J. G. de O. A leitura na escola em tempo de e-book. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 17, p. e019016, p. 1-16, 2019.
- COSTA, S. R. M. da; SANTANA, A. A. Neurociência e tecnologia: abordagens inovadoras para a melhoria do processo educacional. **Revista Ilustração**, v. 6, n. 3, p. 289-301, 2025.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARCHEZAN, I. S. **Hábitos de leitura dos estudantes de Jornalismo**: estudo do comportamento dos nativos digitais. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MENEZES, D. C. de L. **O impacto das mídias digitais no hábito de leitura entre crianças e adolescentes**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Engenharia da Computação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.
- NUNES, M. F.; MELO, C. A. de. (Re)pensar a formação de leitores jovens: suportes, convergências e transposições associadas à literatura. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 19, n. 3, p. e64228p, 2024.
- SANTANA, A. N. V. de; NARCISO, R.; SANTANA, A. C. de A. Transformações imperativas nas metodologias científicas: impactos no campo educacional e na formação de pesquisadores. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 1, e13702, 2025.

SANTANA, A. C. de A.; CAPARROZ, L. H.; SILVA, R. L. da; OLIVEIRA, I. dos S.; SOUZA, T. F. da S.; SOUSA, F. P. de; MANENTI, G.; FREIRE, S. de S. Inteligência artificial na educação contemporânea: apoio, mediação e responsabilidade. **Revista Boletim de Conjuntura**, v. 25, n. 74, p. 1-17, 2026.